

## Atividades Domésticas Exercidas por Mulheres Idosas: um estudo exploratório nas publicações da revista *Gênero na Amazônia* (Belém-PA)<sup>i</sup>

*Actividades Domésticas Realizadas por Mujeres Mayores: un estudio exploratorio en las publicaciones de la revista Gênero na Amazônia (Belém-PA)*

*Domestic Activities Performed by Elderly Women: an exploratory study in the magazine' papers Gênero na Amazônia (Belém-PA)*

**Kellen Irene Rabelo Borges**

**Resumo:** Este artigo é fruto de um estudo exploratório realizado na revista intitulada *Gênero na Amazônia* (Belém-PA). Nosso propósito era saber se, nessa revista, haviam trabalhos devotados para refletir ou discutir a relação de mulheres idosas com as atividades do espaço doméstico (envolvendo aqui o cuidado não só com o marido e os filhos, mas também com os netos). Para isso, utilizou-se a revisão de literatura, a partir do método *scanning* para coletar os dados. Em resumo, não encontramos pesquisas com tais ambições. Contudo, em alguns artigos, nos deparamos com pequenas reflexões sobre essa temática das mulheres idosas e o espaço doméstico a partir de outras temáticas (tais como, violência, pobreza, bordéis e garimpo, homoafetividade, literatura, benzendeiras, saúde, cuidado, ritos de passagem, penitenciária, entre outros). É importante destacar que esta pesquisa exploratória também é um estudo inicial da própria temática e um incentivador para que mais pesquisadoras e pesquisadores possam se preocupar com o tema.

**Palavras Chave:** Idosas. Atividades domésticas. Estudo exploratório.

**Resumen:** Este artículo es el resultado de un estudio exploratorio de la revista *Gênero na Amazônia* (Belém-PA). Nuestro objetivo era averiguar si en esa revista había artículos dedicados a reflexionar o discutir la relación entre las mujeres mayores y las actividades domésticas (en este caso, el cuidado no sólo de sus maridos e hijos, sino también de sus nietos). Para ello, recurrimos a una revisión bibliográfica, utilizando el método de escaneo para recopilar los datos. En resumen, no encontramos ninguna investigación con tales ambiciones. Sin embargo, en algunos artículos encontramos pequeñas reflexiones sobre el tema de las ancianas y el espacio doméstico, a partir de otros temas (como violencia, pobreza, bordeis y minería, homoafectividad, literatura, benzendeiras, salud, cuidados, ritos de paso, penitenciario, entre otros). Es importante destacar que esta investigación exploratoria es también un estudio inicial del tema en sí y un incentivo para que más investigadores se ocupen del tema.

**Palabras Claves:** Mujeres mayores. Actividades domésticas. Estudio exploratorio.

**Abstract:** This article is the result of an exploratory study was made in the magazine entitled *Gênero na Amazônia* (Belém-Pa). Our purpose was to find out if there were works devoted to reflecting on or discussing the relationship of elderly women with activities in the domestic space in this magazine (involving care not only for the husband and children, but also for the grandchildren). For this, a literature review it was used in conjunction with the scanning method to collect the data. In summary, we did not find research with such ambitions. However, in some articles we come across small reflections on this theme of elderly women and the domestic space from other themes (such as violence, poverty, brothels and mining, homosexuality, literature, faith healers, health, care, passage' rites, penitentiary, etc.). It is important highlight that this exploratory research is also an initial study of the theme itself and an incentive for more researchers to be concerned with the subject.

**Keywords:** Elderly women. Domestic activities. exploratory study.

<sup>i</sup> Este artigo é resultado da Curso de Especialização em “Análise das teorias de gênero e feminismos na América Latina”, sob a orientação da professora doutora Denise Cardoso Machado, professora do IFCH/UFPA, vinculada à Faculdade de Ciências Sociais e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - PPGCS/UFPA. Agradeço às/ aos pareceristas no processo de apresentação final do artigo.

**Kellen Irene Rabelo Borges** – Graduação e Mestrado em Ciências da Religião (Universidade do Estado do Pará). Especialista em Filosofia (Estácio de Sá). Especialista em Análise das Teorias de Gênero e Feminismos (Universidade Federal do Pará). E-mail: [kellen.borges@hotmail.com](mailto:kellen.borges@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO.

*Envelhecimento, velhice, idosos, anciãos, velhos, pessoas com idade mais avançada e terceira idade* são algumas das palavras que evocam diversas ideias, tais como: pessoas que estão passando por um processo natural do *envelhecimento* da constituição física e biológica do corpo humano; ou, ainda, pessoas que estão mudando da fase jovem-adulto para adultos-senil em uma perspectiva mais social e/ou política do conceito (BEAVOUIR, 1980; DEBERT, 1994/2020).

No que diz respeito ao envelhecimento físico do corpo humano, a maioria das pessoas consegue elencar alguns traços desse processo natural: rugas na testa, perto dos olhos, da boca e no queixo; pigmentação mais esbranquiçada de alguns fios do couro cabeludo e na sobrancelha. Além desses sinais, as imagens que compõe a ideia do que seria uma pessoa idosa também considera “o avanço da idade com um processo contínuo de perdas (da vitalidade) e de dependência” (DEBERT, 2020, p. 14).

Em relação à perspectiva sociopolítica, podemos observar que aconteceram algumas modificações no que diz respeito à compreensão do que seria uma pessoa idosa hoje e a participação dela na sociedade e seus direitos políticos. De certo modo, essas mudanças acabaram proporcionando um atual cenário, em que podemos visualizar que os avanços na área da saúde permitiram que a expectativa de vida se estendesse e, assim, proporcionasse um aumento na população de idosos.

Com isso, passamos a nos deparar com mais reflexões sobre a participação do idoso no espaço público e no espaço privado (família, instituições, grupos entre outros) (DEBERT, 2020).

Diante do exposto, se comparado com outros períodos, os idosos, atualmente, parecem ter muito mais destaque nas pautas políticas que antes. Mas, em contrapartida, o seu papel como sendo, por exemplo, o detentor do conhecimento (tradicional) está se modificando. Alguns pesquisadores, como Guita Debert (2020), tecem reflexões a respeito dessa modificação, considerando algumas diferenças entre as sociedades<sup>1</sup> pré-modernas<sup>2</sup> e as modernas, e como o avanço tecnológico tem influenciado essas questões.

Nesse sentido, a questão do papel desenvolvido pelos idosos abre espaço para refletirmos muitas temáticas. Uma delas é a questão de gênero e geração. E é nessa perspectiva que a temática desta investigação se passou, embora, neste espaço, não contenha discussões sobre gênero e, nem de modo aprofundado, sobre geração. No entanto, a justificativa para isso é a seguinte: nossa preocupação era apenas verificar se haviam pesquisas voltadas na temática aqui investigada.

De modo geral, a ambição deste estudo foi realizar uma revisão das pesquisas que trabalharam com mulheres idosas, mas principiando da participação das mesmas em atividades do cotidiano doméstico (considerando, aqui, o cuidado com o marido, os filhos, e até com os netos).

Assim, como veremos a seguir, investigar essa temática foi um tanto quanto dificultoso, por causa do prazo de entrega deste estudo no curso de especialização em Análise e Teorias

<sup>1</sup> Nas sociedades pré-modernas a “tradição e a continuidade” estavam “vinculadas com as gerações”, nesse sentido, “o ciclo da vida” tinha “conotação de renovação, pois cada geração redescobria e revivia modos de vida das gerações predecessoras”; enquanto que nos “contextos modernos, o conceito de geração só faz sentido em oposição ao tempo padronizado”, e assim “as práticas de uma geração só são repetidas se forem justificadas” e o “curso da vida transforma-se em um espaço de experiências abertas, e não de passagens ritualizadas” (DEBERT, 2020, p. 53).

<sup>2</sup> Se tivéssemos espaços para realizar mais reflexões sobre as comunidades antigas, sem dúvida deveríamos trazer para nossas discussões as contribuições de Sally Moore, pois ela trata da questão de que os idosos não eram assim tão prestigiados em tais sociedades (embora alguns deles eram responsáveis por repassar as tradições da comunidade).

de Gênero e Feminismos na América Latina (UFPA). Por isso, foi necessário mudar o local de investigação para coletar os dados, mas a metodologia elegida permaneceu, basicamente, a mesma.

Sendo assim, este artigo é resultado da revisão feita na Revista Gênero na Amazônia, cujo interesse era saber se existiam pesquisas devotadas às discussões sobre as mulheres idosas e sua relação com as atividades do cotidiano doméstico.

Os objetivos desta pesquisa foram: investigar as produções científicas dessa revista a partir do nº 1 (janeiro/junho, 2012) até o nº 19 (janeiro/dezembro, 2021), e apresentar os dados coletados (considerando não apenas a ambição da própria investigação, mas, também, algumas informações relativas à própria revista). E, em relação à coleta de dados, utilizamos o método *scanning*.

Nesse sentido, os tópicos a seguir estão responsáveis por apresentar essa investigação, a saber: o primeiro contém reflexões a respeito das contribuições de Guita Debert e como ela foi uma das responsáveis pelo interesse na investigação que consta neste artigo; o segundo aborda o processo de exploração e delimitação da temática investigada; o terceiro apresenta os resultados que coletamos da Revista Gênero na Amazônia; e, por fim, as considerações finais deste trabalho.

Antes de finalizarmos essas considerações iniciais, é importante destacar que, nesta investigação, não consta um aprofundamento de referências teóricas intercalando com os dados coletados, embora conste uma parte neste trabalho em que abordamos algumas reflexões de Guita Debert. Para esta pesquisa, partimos da perspectiva de um estudo inicial exploratório e de revisão na revista Gênero na Amazônia, cujo o interesse era apenas saber se essa revista possuía produções científicas voltadas ao tema que investigávamos.

## 1. Conversas Despretensiosas e as Reflexões de Debert

Em meados do mês de março do ano de 2022, foi iniciado as aulas do módulo intitulado *Gênero, Geração e Diversidade*<sup>3</sup>. Entre as reflexões que foram propostas pelas professoras responsáveis, as temáticas sobre *Gênero e Geração* causaram em minha pessoa muitos questionamentos.

De forma geral, esses questionamentos estavam mediados da seguinte forma: de um lado, pelas contribuições das professoras — e, em especial, com texto intitulado *Gênero e Envelhecimento* (1994), de Guita Debert —; e, de outro, com as minhas memórias<sup>4</sup> que envolvem as experiências que tive com a minha avó e com outras mulheres idosas.

Nesse sentido, nesta parte do artigo, tenho como pretensão escrever como, durante as aulas do módulo *Gênero, Geração e Diversidade*, eu relembrei tanto as minhas experiências com a minha avó quanto as conversas despretensiosas que tive, em 2019, com mulheres idosas que falavam muitos assuntos, entre eles, a relação de cuidado e responsabilidade com seus netos.

Sendo assim, irei escrever, a seguir, primeiro sobre algumas ponderações de Guita Debert, porque, embora eu tenha conhecido ela muito depois, foram as contribuições dela que me fez lembrar das conversas que tive no grupo de ginástica. E, em segundo, tecerei algumas reflexões, brevemente, sobre as experiências com esse grupo.

<sup>3</sup>Módulo cursado durante a especialização Análise das Teorias de Gênero e Feminismo na América Latina.

<sup>4</sup>A respeito dessas memórias, escrevi um ensaio falando sobre a minha Avó como quesito de atividade para o módulo *Gênero, Geração e Diversidade*. Mas ainda não publiquei esse texto.

## 1.1 Algumas Reflexões de Guita Debert

Compreende-se que foi nas discussões que a pesquisadora Guita Debert promove, sobre os grupos de convivência ou sobre os programas para a terceira idade, que as preocupações iniciais da investigação contida neste artigo começaram a tomar rumo.

Destaco isso porque Guita Debert menciona que o público feminino é soberano nas atividades desenvolvidas por esses grupos e programas, e muitas dessas mulheres detêm falas interessantes sobre a relação das mesmas com o espaço familiar, doméstico e do trabalho (DEBERT, 1994/2020).

Embora não seja nosso foco, falar sobre esses grupos e programas, acredito que é importante destacar essa reflexão. A relevância disso é porque Guita Debert apresenta em suas reflexões diversas complexidades que giram em torno da população idosa. Uma delas é a ideia de que os velhos seriam tratados na sociedade capitalista com desrespeito, “posto que seu trabalho não pode mais ser explorado na velhice” (DEBERT, 1994, p. 40).

No que tange ao trabalho formal, ou seja, remunerado, de fato a ideia que os velhos não podem ser mais explorados na velhice tem seus fundamentos, e tanto a Guita (1994; 2020) quanto Beauvoir (1980) tecem suas argumentações nessa perspectiva de forma esclarecedora quando tratam, por exemplo, da questão do estigma que as pessoas passam a sofrer durante o processo de envelhecimento.

Mas, por exemplo, se pararmos para pensar nas atividades domésticas enquanto trabalho, como esse tipo de trabalho (doméstico) se relacionaria com a mulher idosa?

Lançar essa pergunta é nos possibilitar refletir que, embora exista a possibilidade de a mulher deixar de ser explorada em jornadas de trabalho renumerada — quando alcança a idade da velhice, ou da aposentadoria — a relação que ela tem com espaço doméstico ainda pode explorá-la, enquanto a mesma possuir vitalidade. Ou seja, o cuidado com o marido, os filhos e, até mesmo, com os netos, podem fazer parte do cotidiano das mulher enquanto ela tiver vigor.

De certo modo, em se tratando da relação entre mulheres e trabalho doméstico, Simone de Beauvoir afirmou, especialmente, no capítulo cinco do livro “O segundo Sexo”, o seguinte: “a mulher só escapa da servidão no momento em que perde toda eficiência” (1980, p. 351).

Sobre a essa eficiência, não estou apenas referindo à função reprodutora. Mas também fazendo uso da compreensão que envolve toda a vitalidade da mulher enquanto ser dotada de faculdades mentais e físicas para executar tarefas que não envolve apenas a reprodução, mas a sua própria manutenção e a de outras pessoas.

No entanto, nos dias de hoje, afirmar sobre essa servidão e eficiência pode acarretar uma série de questionamentos. Com o avanço nas investigações, pesquisas como as de Guita Debert são capazes de nos fazer questionar se o trabalho doméstico pode ser compreendido apenas como opressão para as mulheres, em especial, para as idosas.

Destacamos isso porque, ao pesquisar mulheres “que poderiam ser consideradas de classe média” com idade de 70 anos ou mais que vivem num asilo, Guita Debert propõe como reflexão que, entre essas mulheres idosas, o “trabalho doméstico” pode não ser visto como “símbolo de opressão feminina”, mas de “autonomia e independência” (2020, p. 27).

Embora Debert proporcione essa reflexão, ela não aprofunda as discussões nessa temática. Em contrapartida, ela oferece diversas ponderações para pensar a relação entre mulheres idosas e

suas famílias (netos, filhos e maridos/companheiros), mas a partir da perspectiva de não convivência no mesmo espaço.

Nesse contexto, a partir dessas considerações de Guita Debert, é possível questionar ainda: como seria/é a relação das mulheres idosas que vivem com suas famílias (netos, filhos e maridos/companheiros)? Qual é a compreensão dessas mulheres em relação ao trabalho doméstico? Existem outros motivos que fazem com que elas desenvolvam atividades domésticas? Quais motivos seriam esses?

## 1.2 Relembrando Conversas Despretensiosas

As indagações, destacadas anteriormente, se juntaram com as inquietações que eu já possuía, mas que ainda não estavam formuladas (porque era mais um sentimento de incômodo do que outra coisa). Para entender isso, deixe-me narrar alguns fatos.

No segundo semestre do ano de 2019<sup>5</sup>, eu comecei a acompanhar minha mãe nas atividades de ginástica que ela fazia (e ainda faz), voltada para pessoas idosas<sup>6</sup> (entre 55 a 70 anos). De modo geral, a aula tem como horário de início as 8 horas da manhã, mas geralmente começa às 8:30 por diversos motivos.<sup>7</sup> Então, na maioria das vezes, as idosas iam chegando e, enquanto esperavam o professor, elas conversavam entre si ou em grupos (de até quatro mulheres).

Como eu sempre estava acompanhando a minha mãe, sem grande dificuldade, fui logo inserida em vários tipos de conversas: algumas iniciadas pela minha mãe, e, outras, pelas amigas dela. Dessa forma, eu mantinha a posição muito mais de ouvinte quando o grupo alcançava mais de 4 pessoas, isso se dava por uma série de motivos<sup>8</sup>. Mas quando só estava minha mãe e uma colega dela, eu ainda conseguia interagir bem mais.

Geralmente os assuntos eram diversos, tais como saúde, educação, aposentadoria, política, religião, conflitos familiares, responsabilidade com o lar (marido, filhos e netos), às vezes sobre sexo (mas velado por piadas), comparativo de gerações (no sentido de que os jovens pouco as ouviam), diversão, entre outros.

Nessas conversas, fui percebendo que a maior parte delas também estavam em maior ou menor grau como responsáveis pela subsistência alimentar e cuidado, conseqüentemente, dos netos e pessoas doentes. Observei isso porque, de vez em quando, a conversa tendia para frases do tipo: “fulana, o dia vai ser corrido. Preciso comprar as coisas pro almoço”; “já deixei meu netinho na creche, mas vou pedir pra alguém buscar ele”; “ah filha, os pais trabalham o dia todo, eu que tomo conta do menino”; “eu já disse pra ela não ter mais filho, sou eu que crio”.

Na época, eu não tinha preocupações investigativas sobre o conteúdo das conversas que tive com aquelas senhoras, apenas me causava incômodo interpretar que aquelas senhoras idosas pareciam bem sobrecarregadas de tarefas. Com o tempo, esses assuntos e conversas acabaram caindo

<sup>5</sup> Parei de frequentar o grupo quase que no final de dezembro de 2019, por motivos de estudo e trabalho.

<sup>6</sup> Na época, em torno de vinte mulheres participavam das atividades. Entretanto, esse número variava de acordo com as semanas, por diversos motivos apresentados por elas (o mais comum eram doenças ou consultas médicas). A maioria delas estavam com a idade entre 60 e quase 70 anos, mas havia umas mulheres em torno dos 50 anos.

<sup>7</sup> E o principal dele é que o professor responsável mora um pouco distante, e, às vezes, o trânsito compromete que a aula comece pontualmente.

<sup>8</sup> Esses motivos estão relacionados com o próprio fluxo da conversa, mas que também se relacionam com a amizade (ou seja, normalmente o grupo ia aumentando, porque surgiam as amigas já perguntando como a outra estava de saúde, ou se tinha conseguido uma consulta, ou notícias de uma terceira pessoa, entre outras, emendando um assunto no outro, no qual não sobrava espaço para que eu pudesse interagir).

no esquecimento. E apenas durante as aulas *Gênero, Geração e Diversidade* comecei a lembrar. Mas também só lembrei porque eu precisei escrever um ensaio no qual rememorei as experiências com a minha avó.

Nesse ensaio, percebi as diversas atividades domésticas que a minha avó realizava; sendo ela a responsável pela maior parte do tempo com os netos (já que os pais precisavam trabalhar o dia inteiro). Perceber essa situação causou uma inquietação, como se fosse um *déjà-vú*, porque eu também sentia esse incômodo quando as senhoras da ginástica falavam de suas responsabilidades domésticas.

Depois de ter escrito o ensaio, fiquei uns dias pensando na conclusão e comecei a ter, mais ou menos, os seguintes questionamentos: Qual a relação das mulheres idosas com espaço doméstico? Será que as atividades domésticas sempre serão uma preocupação para as mulheres, até no período de envelhecimento? Qual ou quais motivos fazem com que a mulher idosa passe a cuidar e criar os netos? Qual é o grau de responsabilidade que as idosas possuem no lar?

Com essas primeiras questões, fui atrás de algumas pesquisas para entender sobre população idosa, com o propósito de melhor definir o estudo presente neste artigo.

Inicialmente, como escrevi mais à frente, realizei uma pesquisa na internet, de modo avulso. Durante esse momento, a pretensão investigativa que eu almejava demandaria muito tempo e habilidades teóricas das quais eu ainda não possuía.<sup>9</sup> Só pude entender os problemas dessa pretensão quando conversei com a professora doutora Denise Machado. Em nossa conversa, ela compreendeu meus anseios e orientou-me para uma perspectiva mais específica sem sair da temática.

## 2. Mar de Informações: explorações e delimitação da pesquisa

Na época em que eu tinha uma vaga ideia para construir o projeto de pesquisa, decidi realizar uma breve busca na internet com o propósito de encontrar outras informações relativas às mulheres idosas. Foi durante essa pesquisa que me deparei com o livro de Gita Debert, intitulado *A Reinvenção da Velhice* (2020).

Tanto essas primeiras pesquisas como as reflexões propostas por Debert me possibilitaram observar que há muitas pesquisas que discutem sobre o envelhecimento e a velhice na sociedade e na cultura, a relação dos idosos com a educação, com a saúde e com a sexualidade. Assim como também as violências que eles podem sofrer e as políticas públicas para os mesmos.<sup>10</sup>

De maneira geral, essas informações já haviam sido coletadas antes de conversar com a professora Denise, pois, na época em que eu estava tentando definir a temática que seria investigada, a ambição que eu tinha era realizar uma revisão de literatura através do BDTD<sup>11</sup>, com o propósito de verificar se existiam trabalhos que destacavam mulheres em processo de envelhecimento e/ou idosas realizando tarefas domésticas.

No entanto, aos poucos, a investigação pelo BDTD<sup>12</sup> precisou ser desconsiderada pelos seguintes motivos: havia muita informação que precisava ser filtrada para encontrar os dados e já havia um pequeno material esperando para ser lido e analisado que demandaria muito tempo.<sup>13</sup>

<sup>9</sup>No começo, a ambição dessa pesquisa era concentrar a investigação nos discursos dessas mulheres (“donas de casa”) que têm relação de cuidado, provimento de alimentação e vestimentas com netos.

<sup>10</sup>Informações obtidas por uma busca abrangente advinda do *Google* e, como veremos, das informações mais redirecionadas da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

<sup>11</sup> Sigla para o nome do site “Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações”.

Embora não tenha ocorrido um profundo avanço no BDTD, é importante registrar que, em relação à busca de informações com palavras-chaves, o site revelou que há, pelo menos, 2,581 resultados para trabalhos que envolvem a temática “mulheres idosas”. E, nessa perspectiva, são trabalhos tanto da área da saúde, da antropologia, da sociologia, da história e demais.

O site mostrou ainda que 1,532 é o número de resultados para as pesquisas que contenham as palavras “mulheres e envelhecimento” (que, também, tanto a área da saúde e de ciências sociais contribuíram em investigações).

E, em relação às palavras “mulheres idosas” e “atividades domésticas”, o resultado foi de 24 pesquisas (que, de alguma forma, destacavam essas palavras ao longo de pesquisas com abordagens da saúde ou das ciências sociais).

Contudo, vale ressaltar que, entre esses 24 trabalhos, apenas a Tese da pesquisadora Alessandra Almeida, defendida em 2019, intitulada “Representações Sociais sobre o ato de cuidar na perspectiva de mulheres idosas cuidadoras”<sup>14</sup>, parece se aproximar de nossas perspectivas investigativas.

Embora pequena, essas são informações advindas da investigação que fiz. O propósito dessa pesquisa era criar um quadro temático com os nomes das dissertações e teses que pareciam se aproximar do tema que era investigado.<sup>15</sup>

À medida em que eu investia tempo nas buscas pelo BDTD, também percebi que o prazo estava se exaurindo (principalmente porque, a cada nova busca com palavras chaves, era necessário se aventurar em novas leituras, e, delas, realizar resumos analíticos sobre as produções científicas).

Em meio às tantas informações que precisavam ser filtradas e muitos trabalhos acadêmicos que precisavam ser lidos para uma futura análise, foi preciso tomar algumas decisões, tais como: não seguir pelo BDTD, mas concentrar em outro campo de busca mais específico.

Assim, com o auxílio da orientadora desta pesquisa, conseguindo perceber o tamanho da empreitada que eu estava querendo realizar com o prazo curto e mediante nossas conversas, decidimos alguns pontos fundamentais para o redirecionamento da pesquisa. E, assim, concordamos o seguinte: já que o tema de pesquisa era uma preocupação que partia de minhas experiências empíricas, seria interessante realizar um estudo exploratório. Para isso, faríamos uma revisão de literatura

<sup>12</sup>Diferentemente de uma busca ampla, onde é possível encontrar textos leigos e acadêmicos coexistindo em texto real, o BDTD é um dos nichos virtuais comprometidos em divulgar dissertações e teses de diversas instituições científicas. Esse comprometimento do site acaba oferecendo para os pesquisadores iniciantes a possibilidade de realizar tanto investigação bibliográfica como também uma revisão de literatura mais atual.

<sup>13</sup>Embora o BDTD seja um espaço capaz de oferecer diversos trabalhos acadêmicos, é necessário que os pesquisadores possuam um prazo mais longo para suas investigações, principalmente se um dos objetivos for realizar uma revisão de literatura. Esse site exige atenção e a marcação de filtros de pesquisas capazes de melhorar a busca por dissertações e teses.

<sup>14</sup>“A presente pesquisa teve como objetivo geral analisar o espaço relacional das mulheres idosas cuidadoras, bem como as representações sociais sobre o ato de cuidar, no contexto da feminização da velhice. Especificamente, buscou-se descrever o perfil socioeconômico pessoal e familiar das idosas cuidadoras e da pessoa idosa dependente, identificando os fatores associados à relação de cuidado e as representações sociais acerca da razão de serem as principais cuidadoras. Ainda, pretendeu-se examinar o espaço relacional das idosas cuidadoras, investigando as consequências do ato de cuidar no seu cotidiano e suas redes de apoio formais e informais. Além disso, descrever as representações sociais sobre o ato de cuidar a partir da percepção de idosas cuidadoras e buscar compreender como essas pessoas esperam ser cuidadas e, por fim, o estudo teve em vista subsidiar políticas de amparo ao cuidador e ao idoso dependente. Metodologicamente, caracteriza-se a pesquisa como um estudo de caso, com abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. A amostra foi composta por 24 mulheres idosas cuidadoras de idosos(as) debilitados(as) física e/ou mentalmente, com idade média de 68 anos de idade, tendo uma variação de 60 a 87 anos” (ALMEIDA, 2019, p. 10).

<sup>15</sup>Essa informação é válida porque foi realizado um quadro temático a partir dos balizadores que foram usados para investigação no BDTD. Para este estudo, considerou-se colocar apenas essas informações de forma abreviada.

(sem desconsiderar o estado do conhecimento como elementos fundamental na construção de investigações científicas).

A partir dessas considerações, foi decidido realizar uma revisão de literatura para auxiliar na “busca de informações junto a acervos e bancos de dados [...] de informações existentes”, assim seria possível “avaliar a disponibilidade de material” já publicado (MICHALISZYN; TOMASINI, 2005, p. 11). A partir dessa revisão, seria possível verificar a existência, ou não, de pesquisas voltadas para temáticas que elegemos.

Diante disso, o direcionamento proposto pela orientadora impulsionou a investigação de forma mais esclarecedora. E, assim, decidimos que a investigação continuaria a ser realizada de modo virtual, e que deveria ser em uma revista prestigiada, com diversas temáticas e com produção semestral (para que fosse possível delimitar o período de investigação).

A partir dos critérios que foram pensando, foi considerado então investigar a revista intitulada “Gênero na Amazônia” (produzida em Belém-PA), com o propósito de verificar a existência de trabalhos voltados para reflexões ou discussões de mulheres idosas exercendo atividades domésticas.

Como dito anteriormente, a verificação dessa temática parte de uma preocupação que surgiu em meio às observações de caráter empírico.

De modo geral, essa inquietação, embora aparente ter uma existência concreta, as indagações que ficam são as seguintes: Existem trabalhos científicos que já destacaram e trabalharam essa temática? Se sim, quais reflexões e discussões foram destacadas?

Mediante a tais ponderações, nos aventuramos pelas contribuições da Revista Gênero na Amazônia com o intuito de verificar se existem reflexões do tipo.

Já que o tempo de entrega desta pesquisa estava se exaurindo, entre as modalidades propostas para revisão de literatura que existem, foi optada a “scanning”, que “trata-se de um tipo de leitura” em que se é buscado “um tópico específico no texto, fazendo para tanto o uso do índice, linhas, parágrafos, com o propósito de encontrar frases ou palavras-chave que digam respeito ao assunto com o qual está trabalhando” (MICHALISZYN; TOMASINI, 2007, p. 112).

Veremos, a seguir, de forma um pouco mais detalhada, como foi realizado a façanha desta pesquisa e os dados que foram obtidos.

### 3. Gênero na Amazônia

Antes de ser apresentado e discutido as informações que foram coletadas na revista Gênero na Amazônia (GA), é relevante tecer comentário sobre ela.

Sendo assim, nesse espaço, vamos falar de modo mais geral sobre a história e a relevância da revista, para, posteriormente, nos concentrarmos no processo investigativo da mesma e refletir a respeito das informações coletadas.

#### 3.1. Considerações a Respeito da Revista GA

No que diz respeito à busca virtual pela revista Gênero na Amazônia, não é difícil de localizá-la. De forma geral, há duas formas de encontrá-la, a saber: 1º) As pessoas interessadas nas temáticas “gênero” na “Amazônia” podem colocar essas palavras em aspas na aba de busca virtual e logo irá se deparar com o título da revista associado ao link (de acesso); 2º) Se a pessoa possuir o

link da revista, basta que essa pessoa coloque esse link na aba de navegação que já é redirecionada para o site da revista.

Dessa forma, através das palavras chaves ou dos links de acesso, é possível que as pessoas se deparem com as seguintes interfaces:

**Imagem 1: Interface do site da revista Gênero na Amazônia<sup>16</sup>**



Fonte: site da revista GA

**Imagem 2: Interface do site associado à UFPA<sup>17</sup>**



Fonte: site da revista GA

**Imagem 3: Interface dos Periódicos da GA associada à UFPA<sup>18</sup>**



Fonte: site do GEPEM

<sup>16</sup> Para cego ver: a imagem 1 se trata de uma página virtual da revista GA. A imagem contém as seguintes informações: a aba superior da cor azul escuro, ao lado esquerdo está o desenho de uma flor e ao lado as palavras *Gênero na Amazônia* (em cor azul claro); o centro da página é branco, e contém do lado esquerdo uma das capas da revista GA (na cor verde, com o desenho da rosa na cor roxo), e, ao lado direito, um texto introdutório; e, por fim, a aba inferior na cor azul escuro.

<sup>17</sup> Para cego ver: a imagem 3 se trata de uma página virtual da revista GA. A imagem contém as seguintes informações: a aba superior da cor azul escuro, ao meio está o desenho de uma flor e ao lado as palavras *Gênero na Amazônia* (em cor azul claro); o centro da página é da cor branca e contém links da GA (de revistas, periódicos, rede sociais, entre outras); na parte direita da página há forma de acessá-la o periódico através de conta associada a essa revista.

<sup>18</sup> Para cego ver: a imagem 2 se trata de uma página virtual da revista GA. A imagem contém as seguintes informações: a aba superior e inferior da página é da cor roxo; e o centro da página é branco, e contém uma fotografia com algumas mulheres e um texto inicial.

Essas três imagens nos auxiliam a ver algumas das páginas associadas às produções e publicações relacionadas à Revista Gênero na Amazônia. Existem outros links associados à revista, tais como os das redes sociais que abrangem a conexão com outras pessoas e suas contas virtuais.<sup>19</sup>

Nas primeiras vezes que fiz a busca pela revista GA, utilizando as palavras chaves, fui redirecionada para a interface da imagem 1. Nesses primeiros momentos, eu não tinha conhecimento que a GA detinha outros links para encontrar suas publicações. No entanto, encontrei as interfaces das imagens 2 e 3 através de uma das redes sociais que GA possui.

Foi através da interface da imagem 1 que obtive o conhecimento sobre o início e a necessidade da existência da revista. Vejamos a seguir:

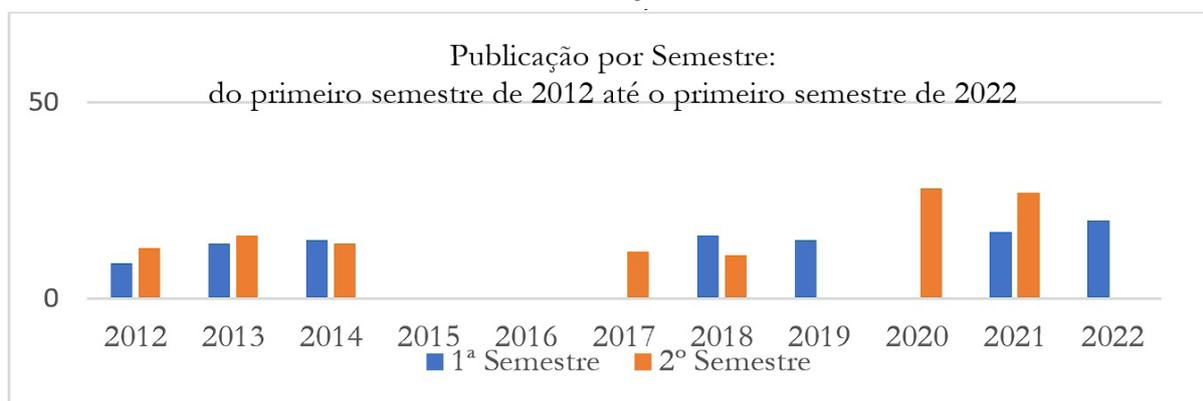
Foi organizada em julho de 2012 pela necessidade de registrar os estudos e pesquisas que são realizados na Região Norte, com destaque as pesquisas elaboradas na UFPA e no Pará, visibilizando as atividades científicas, literárias e autoras que militam no âmbito das ciências humanas, fomentando o debate sobre a situação das mulheres e relações de gênero em diferentes manifestações e enfoques teórico-metodológicos, numa perspectiva inter e multidisciplinar. Porém, transcendeu sua vocação tornando-se referência nacional dos estudos de gênero. (GÊNERO NA AMAZÔNIA, 2012-2022)

Essas informações sobre a revista GA são relevantes porque, de fato, a “perspectiva inter e multidisciplinar” está presente ao longo de suas edições, tornando-a, assim, uma das revistas de referência nacional com um comprometimento acadêmico ímpar.

Adiante, iremos dispor um quadro que contém o ano, o período e o número de publicações que já foram realizadas na revista GA, desde de 2012 até o primeiro semestre de 2022. Mas achamos relevante trazer, neste momento, um gráfico panorâmico dessa revista com o intuito de termos noção da atividade da mesma.

Nesse sentido, para que possamos visualizar, de modo mais didático, as publicações da revista GA, considerando 2012 até o primeiro semestre de 2022, vejamos o gráfico a seguir:

**GRÁFICO 1: Publicações da revista GA**



Fonte: dados desta pesquisa/2022.

Nesse gráfico, podemos observar as produções da revista GA ao longo de dez anos de existência e ponderar os seguintes indicadores sobre a quantidade de publicações, considerando

<sup>19</sup> Não colocamos imagens das redes sociais pelo fato de que nossa investigação não utilizou tais espaços para a coleta de dados.

anos e semestres. Com isso, ressaltamos que: 1) Se compararmos o primeiro semestre e o segundo semestre de 2012, houve um tímido aumento de publicações; 2) Em relação ao ano de 2013, houve um aumento considerável em ambos os semestres; 4) Em 2014, aconteceu um pequeno declínio no número de publicações.

Nessa perspectiva, dando sequência à nossa análise, o gráfico também mostra que: 5) Nos anos de 2015 e 2016, e o primeiro semestre de 2017, não houve publicações na revista. Apenas no segundo semestre de 2017 as publicações retornam, mas de forma gradativa; 6) No primeiro semestre de 2018, ocorreu um aumento considerável, enquanto que, no segundo semestre desse mesmo ano, o número é baixo; 7) No ano de 2019, ocorreu publicações apenas no primeiro semestre. Do segundo semestre de 2019 até o primeiro semestre de 2020, não houveram publicações.

Também é possível observar, através do gráfico, que: 8) O segundo semestre de 2020, é o período em que a revista obteve o maior número de publicações desde o seu início; 9) No primeiro semestre de 2021, o número de publicações, embora seja um pouco inferior ao segundo semestre de 2020, é superior ao primeiro semestre de 2021; 10) No primeiro semestre de 2022, a quantidade de publicações do dossiê pode nos levar à seguinte reflexão: embora, o número de trabalhos publicados seja baixo, se comparado aos dossiês<sup>20</sup> que tiveram maiores números de artigos, ainda assim, o primeiro dossiê de 2022 manteve um número superior se comparando ao geral.

Nesse sentido, apesar de não ter tido publicações no ano de 2015 e em 2016, assim como também em determinados semestres, no geral, a revista GA esteve na ativa, como mostra os indicadores acima, com seus compromissos com a divulgação inter e multidisciplinar (como veremos no próximo item de forma um pouco mais detalhada).

### 3.2. Reconhecimento do Conteúdo Publicado e Método de Investigação

Vejam, a seguir, um quadro em que colocamos as propostas/temáticas da revista GA desde 2012 até o presente momento de 2022<sup>21</sup>:

Número e Período da Revista	Dossiês	Número de textos publicados
N. 1 janeiro/junho, 2012	Sem título	9
N. 2 julho/dezembro, 2012	Violência Doméstica Contra as Mulheres	13
N. 3 janeiro/junho, 2013	Relações Amoras e Conjugalidades	14
N. 4 julho/dezembro, 2013	Mulheres na Política	16
N. 5 janeiro/junho, 2014	Violência Doméstica contra as Mulheres	15
N. 6 julho/dezembro, 2014	Jovens Antropólogos, (Homo Sexualidade e Expressões de Gênero)	14
N. 7-12 julho/dezembro, 2017	GEPEM/UFPA 20 Anos: Mulheres, Gênero, História e Saberes	12
N. 13 janeiro/junho, 2018	Mulheres e Literatura	16
N. 14 julho/dezembro, 2018	Mulheres, Saúde e Violência de Gênero	11
N. 15 janeiro/junho, 2019	Mulheres, Política e Poder	15

<sup>20</sup> Primeiro semestre de 2020 e segundo semestre de 2021.

<sup>21</sup> Não investigamos esse dossiê, pois ele foi publicado depois da coleta de dados. Mas decidimos colocar nesse quadro como demonstrativo dos números e dos temas já publicados pela Revista GA.

N. 16-18, julho/dezembro, 2020	Mulheres Amazônidas: Democracia, Resistências, construções de saberes	28
N. 19 janeiro/dezembro, 2021	O Fenômeno da Pandemia em Perspectiva de Gênero e Feminismos	17
N. 20 julho/dezembro, 2021	Mulheres, Cultura e Identidade Negra	27
N. 21 janeiro/junho, 2022	Sem título	12
N. 22 julho/dezembro, 2022	Saúde é mais que evidência: é humanidade e pluralidade dos saberes <sup>22</sup>	13

Fonte: informações retiradas dos sites da revista GA.

A partir desse quadro, podemos observar que há quinze publicações da revista com dossiês diversos e, embora não esteja presente os títulos dos trabalhos acadêmicos, há aproximadamente 232 trabalhos que foram publicados pela revista *Gênero na Amazônia*<sup>23</sup>.

Diante do exposto, foi partindo dessa inter e multidisciplinaridade de dossiês e, consequentemente, de trabalhos que foram publicados na revista GA, que decidimos aprofundar em suas contribuições e verificar se, nessa revista, constava investigações voltadas para discutir sobre as mulheres idosas executando atividades do espaço doméstico.

Para que pudéssemos progredir pelas publicações da revista, organizamos o trajeto da coleta de dados, a saber: 1) criamos um quadro temático para inserir as informações encontradas; 2) preenchemos esse quadro com informações adquiridas da técnica de leitura, a *scanning*<sup>24</sup>.

Já que a revista *Gênero na Amazônia* é virtual e seus textos estão em formato de PDF, utilizamos a técnica de leitura, *scanning*, em parceria com aba de busca<sup>25</sup> para manter foco e procura ao longo de 180<sup>26</sup> trabalhos publicados.

Começamos a investigar cada artigo utilizando aba de busca com algumas palavras-chaves, tais como: envelhecimento, mulher, idosa e tarefas domésticas. O uso dessas palavras foi essencial, principalmente em artigos cujo o tema se afastava da temática que estava investigando (porque, assim, permitiu que fizéssemos uma vistoria rápida na discussão para ver se a pesquisa se voltava para nossa proposta).

Dessa forma, em se tratando de artigos cujo a temática se aproximava, o recurso das palavras-chave foi utilizado para voltar a leitura de alguns parágrafos que refletia o tema do espaço doméstico e mulheres, em especial, as idosas.

<sup>22</sup> Não investigamos as publicações de nº 21 e 22. Mas decidimos colocar nesse quadro como demonstrativo dos números e dos temas já publicados pela Revista GA.

<sup>23</sup> Trabalhos contabilizados desde a primeira publicação (n. 1 janeiro/junho, 2012) até os mais recentes (N. 22 julho/dezembro, 2022). Ainda é importante dizer que a totalização desse número considera os artigos científicos, resenhas, relatos de experiências, entrevistas e crônicas.

<sup>24</sup> Embora a *scanning* seja uma ferramenta de leitura rápida, é necessário também ter muito cuidado com a utilização da mesma, principalmente em revisões de textos que contemplam a temática investigada. Até porque, nesse caso, é preciso muita atenção na busca pelas palavras-chave de todo o texto.

<sup>25</sup> Em se tratando do teclado virtual, para fazer surgir a aba de busca, uma das alternativas de atalho oferecida por computadores, por exemplo, é a seguinte: basta que a pessoa aperte primeiro a tecla “ctrl” e depois a “f” para surgir essa aba (geralmente esse recurso está mais presente em textos em formato de PDF ou em página de internet).

<sup>26</sup> Esse nº corresponde ao total de produções publicadas do nº 1 até o nº 19.

Vejamos, a seguir, como quadro estava organizado para receber os primeiros dados relacionado à existência ou não de trabalhos devotados à temática que investigávamos.

**Quadro 2: Primeira sistematização de informações<sup>27</sup>**

Nº da Revista	Dossiês	Nº de textos publicados	Título dos artigos <sup>28</sup>	Existem: sim (S) e não (N)	Reflexões em paralelo com a temática	Nº de textos paralelos
N. 1	Sem título	9		N	S	3
N. 2	Violência Doméstica Contra as Mulheres	13		N	N	0
N. 3	Relações Amoras e Conjugualidades	14		N	N	0
N. 4	Mulheres na Política	16		N	N	0
N. 5	Violência Doméstica contra as Mulheres	15		N	N	0
N. 6	Jovens Antropólogos, (Homo Sexualidade e Expressões de Gênero)	14		N	N	0
N. 7-12	GEPEM/UFPA 20 Anos: Mulheres, Gênero, História e Saberes	12		N	N	0
N. 13	Mulheres e Literatura	16		N	N	0
N. 14	Mulheres, Saúde e Violência de Gênero	11		N	N	0
N. 15	Mulheres, Política e Poder	15		N	N	0

<sup>27</sup> Os nº 20 e 21 não passaram pelo método de *scanning*, por isso estão com um traço. O motivo é que não havia tempo para continuar a investigação.

<sup>28</sup> Na tabela que usamos durante a coleta de dados, está registrado os 232 títulos e a autoria dos mesmos.

N. 16-18	Mulheres Amazônidas: Democracia, Resistências, construções de saberes	28		N	S	2
N. 19	O Fenômeno da Pandemia em Perspectiva de Gênero e Feminismos	17		N	N	0
N. 20	Mulheres, Cultura e Identidade Negra	27		-	-	-
N. 21	Sem título	12		-	-	-

Fonte: informações retiradas dos sites da revista GA.

A seguir, o Quadro 2, neste momento, nos auxilia a visualizar como foi sendo montada a sistematização das informações que fomos obtendo. Gradualmente, o quadro foi sendo preenchido com informações desde o primeiro número de publicação até o nº 19 (como veremos por outra perspectiva mais à frente). Assim, as informações contidas no Quadro 2, podem ser representadas da seguinte forma:

**Quadro 2: Sistematização das informações obtidas**



Fonte: dados desta pesquisa/2022.

Nessa representação, consideramos as 180 publicações que investigamos e os 5 textos que fazem paralelo com a temática que estávamos investigando.

Dessa maneira, considerando os dados coletados e o seguinte questionamento: “Na revista Gênero na Amazônia, existem pesquisas que abordam as mulheres idosas e sua relação com atividades domésticas?”, obtivemos como resposta que, do nº 1 até o nº 19, não há pesquisas devotadas para essa temática.

Embora não tenhamos encontrado pesquisas específicas na revista GA, como destacamos anteriormente, encontramos reflexões relevantes ao longo de alguns artigos que fizeram com que alterássemos algumas informações do Quadro 2.

As alterações foram pensadas justamente para destacar as informações que encontramos em se tratando de mulheres idosas e sua relação com o espaço doméstico.

### 3.3 Desdobramento da Investigação

Como mencionamos anteriormente, embora não tenhamos encontrando artigos devotados à temática que ambicionávamos encontrar, há reflexões que gostaríamos de destacar que fazem paralelo entre mulheres idosas com atividades do espaço domésticos (tais como, cuidado, criação de netos e até provedora da renda familiar).

Nesse contexto, o quadro a seguir foi construído a partir do desdobramento da coleta de dados do Quadro 2. A necessidade de organizar um terceiro quadro diz respeito à ideia de destacar parágrafos ou frases que foram ditas, mediadas por análises, sobre a relação da pessoa idosa com o espaço doméstico e tudo que nele existe.

Sendo assim, vejamos como estava organizado o Quadro 3, para que, depois, possamos comentá-lo a partir das informações que surgiram durante a coleta de dados, pois, nesse momento, ele é apenas ilustrativo.

**Quadro 3: Resumo do desdobramento da coleta de dados**

Nº da Revista	Dossiês	Nº de artigos Publicados	Artigos em paralelo	Resumos
Nº. 1 janeiro/junho, 2012	Sem título	9	3	
* Do nº 2 julho/dezembro 2012 até o nº 15 janeiro/junho, 2019, não há discussões que aproximem mulheres idosas e atividades domésticas;				
Nº 16-18 julho/dezembro, 2020	“Mulheres Amazônidas: Democracia, Resistência, Construções de saberes”	28	2	
* Nº. 19 janeiro/dezembro, 2021, não há discussões que aproximem mulheres idosas e atividades domésticas				

Fonte: informações retiradas dos sites da revista GA.

Nesse sentido, à medida que encontrávamos pesquisas que, de alguma forma, sinalizavam para reflexões sobre a relação entre mulheres idosas e o espaço doméstico (considerando, assim, o cuidado, criação de netos e o prover da renda familiar), acrescentávamos no Quadro 3, a partir dos elementos criados que constam no próprio quadro.

Vale ressaltar que no item “Resumo”, do quadro 3, constavam os resumos que tiramos dos artigos. Vejamos, a seguir, no Quadro 4, o resumo nº 1 (janeiro/junho, 2012); dossiê sem título; nove trabalhos publicados; e três em paralelo com a temática investigada.

Quadro 4: Quadro de resumos janeiro/junho 2012

Resumos
<p>1- A pesquisa de Maria A. C. Nascimento, intitulada “Bolsa Família e Renda para Viver Melhor; em resumo, ela procurou “analisar como as identidades de gênero e raça/etnia se alteram a partir do auferimento do valor monetário propiciado pelas políticas de transferência de renda federal e estadual”. Nessa investigação, a pesquisadora utilizou entrevistas<sup>29</sup> com 60 mulheres, entre 19 e 50 anos (ou mais) e destacou que as mulheres são as mais beneficiárias nesses programas; entre as reflexões proposta por M. Nascimento, ela diz o seguinte: “as mulheres de 40 anos ou mais eram mães-avós que assumem oficialmente a identidade materna dos netos e que não reclamam do ritual que caracteriza o acesso aos benefícios, já que como são usuárias”; essa informação é relevante porque a pesquisadora tece argumentos para refletirmos, por exemplo, “ausência de trabalho qualificado e a resistência por parte das jovens mães ao trabalho doméstico remunerado fazem com que muitas avós assumam seus netos como filhos, para que a família receba o benefício quando a filha não se dispõe a enfrentar as condições impostas pelos Programas”.</p>
<p>2 - Pesquisa de Lana C. M. da Silva, intitulada “Trabalho e Família na Percepção de Mulheres Provedoras”; Em resumo: ela analisa “a relação entre as categorias trabalho e família na percepção de mulheres provedoras”; ela investigou “17 mulheres da Região Metropolitana de Belém, com idade entre 26 a 72 anos”; entre os resultados, a pesquisadora destaca que há um “caráter paradoxal das categorias estudadas” que conferiu “simultaneamente, duplicação de afazeres e autonomia a essas mulheres”; no item “4. Sobre a “Distribuição das Tarefas Domésticas” e o “Cuidado com as Crianças” há muitas informações relevantes que abordam a relação das mulheres nessas tarefas, mas pouco podemos identificar a presença de mulheres idosas nessa relação (talvez porque a perspectiva do trabalho não delimita para esse propósito).</p>
<p>3- Pesquisa de Eneida Correa de Assis intitulada “Descobrimo as Mulheres Indígenas no Uaçá – Oiapoque: uma Antropóloga e seu diário de campo”. Em resumo: “o artigo trata da descoberta das mulheres por uma antropologia ao iniciar seu trabalho de campo”. Essa pesquisa foi destacada, porquê contém algumas reflexões sobre as atividades das mulheres idosas, embora não tão aprofundada a perspectiva que buscávamos.</p>

Fonte: Revista GA.

Ainda a respeito de dados desta pesquisa, apresentamos os resumos do nº 16-18 julho/dezembro, 2020; dossiê “Mulheres Amazônidas: Democracia, Resistência, Construções de saberes”; 28 trabalhos publicados; e três em paralelo com a temática investigada. A saber, no Quadro 5:

Quadro 5: Resumos 16-18 julho/dezembro de 2020

<sup>29</sup> “120 entrevistas realizadas no Estado do Amapá e do Pará, com mulheres e homens titulares e não titulares dos benefícios, bem como com técnicos e gestores e executores dos programas [...] A identidade étnico-racial configurou-se pela existência de 35 mulheres autodenominadas negras no quilombo do Curiaú e 20 residentes de Belém e Macapá. As outras 20 e os 5 homens auto identificaram-se como morena(o), parda(o) e branca(o)

## Resumos

1- Investigação de Rodolfo Barbosa, Ana Santos e Pamela Peleggrini intitulado “Colonialidade do Saber, Poder e Ser: um ensaio sobre a idosa marajoara, a cidadania, os silenciamentos e suas memórias”; em resumo, nesse trabalho é “Discutindo sobre o lugar socialmente ocupado por mulheres idosas após o advento da Modernidade”.

2 – Investigação de Ana Santos e Elizandra Lima, intitulada “Cidadania Negada pela Torneira ou pelo Poço: mulheres marajoaras e suas dificuldades para acessar a água em Breves-PA”; em resumo, é uma pesquisa que “mostraremos as experiências de quatro idosas residentes no núcleo urbano de Breves-PA”, nessa perspectiva as pesquisadoras refletem que parte do tempo das mulheres idosas “está destinada a dedicar-se aos afazeres domésticos e no cuidado com seus familiares, isso implica utilizar a água em diferentes tarefas”.

Fonte: Revista GA.

Diante do exposto, compreendemos que esses resumos, de forma geral, nos auxiliam a observar que há pesquisas que refletem a relação entre mulheres idosas e espaço doméstico a partir de diferentes abordagens, e trazem em suas discussões uma série de elementos que correspondem a essa relação, para ser pensada, por exemplo, a partir do contexto social. Mas essas pesquisas pouco focam em uma perspectiva de classe ou raça/cor/etnia em suas discussões.

Nesse sentido, para além desses trabalhos que destacamos (como sendo paralelos à temática que investigávamos), há outras pesquisas que destacam a mulher idosa em diversas perspectivas, tais como violência; pobreza; bordéis e garimpo; homoafetividade; literatura; benzendeiras; saúde; cuidado; ritos de passagem; penitenciária, entre outros.

Em um panorama geral, do nº 1 até o nº 19, não há um dossiê que provoque em pesquisadoras e pesquisadoras o interesse de investigar ou submeter pesquisas voltadas para a temática que investigávamos. A título de comparação, vejamos novamente os títulos dos dossiês:<sup>30</sup>

### Quadro 6: número e títulos dos Dossiês

Nº da Revista	Dossiês
N. 1	Sem título
N. 2	Violência Doméstica Contra as Mulheres
N. 3	Relações Amoras e Conjugualidades
N. 4	Mulheres na Política
N. 5	Violência Doméstica contra as Mulheres
N. 6	Jovens Antropólogos, (Homo Sexualidade e Expressões de Gênero)
N. 7-12	GEPEM/UFPA 20 Anos: Mulheres, Gênero, História e Saberes
N. 13	Mulheres e Literatura
N. 14	Mulheres, Saúde e Violência de Gênero
N. 15	Mulheres, Política e Poder

<sup>30</sup> Embora na tabela consideramos colocar os títulos do nº 20 e 21, não pesquisamos os trabalhos publicados nesses números.

N. 16-18	Mulheres Amazônidas: Democracia, Resistências, construções de saberes
N. 19	O Fenômeno da Pandemia em Perspectiva de Gênero e Feminismos
N. 20	Mulheres, Cultura e Identidade Negra
N. 21	Sem título

Fonte: informações retiradas dos sites da revista GA.

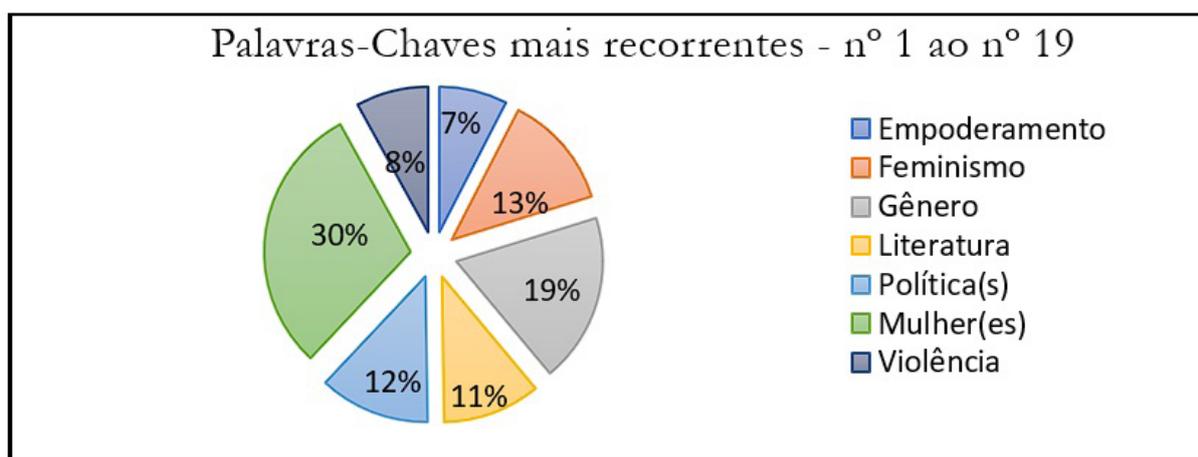
A partir dos títulos, podemos refletir o seguinte: que, embora exista dossiês que trazem ao menos a palavra “mulher”, nenhum deles contém palavras do tipo “geração”, “envelhecimento”, “idosas” ou qualquer outra palavra que caracterize a ideia de trazer mais pesquisas relacionadas à população idosa (e ao trabalho doméstico).

Destacar essa reflexão não quer dizer que a ausência de um dossiê específico seja o motivo que explique o porquê de não haver publicações que considere a relação entre idosas e o trabalho/ espaço doméstico, pois, como vimos, houveram trabalhos que refletiram essa temática por outras abordagens.

Nesse sentido, fica então a pergunta: por que não havia trabalhos sobre as mulheres idosas e sua relação com as atividades do cotidiano doméstico? Essa é uma questão que deve ser problematizada em futuras pesquisas.

Para finalizarmos essa parte da coleta de dados, acreditamos ser relevante dizer que, a partir de uma perspectiva geral, no qual consideramos as palavras chaves dos trabalhos que investigamos, conseguimos montar o seguinte gráfico:

**Gráfico 2: Palavras-chave mais recorrentes do n° 1 ao 19**

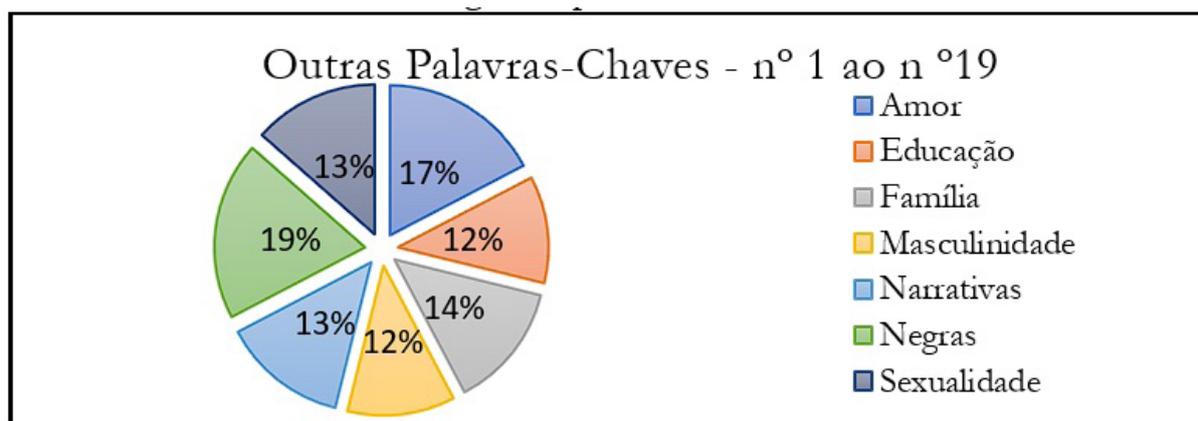


Fonte: dados desta pesquisa/2022.

A partir desse gráfico, podemos observar quais foram as palavras mais usadas em palavras-chave dos artigos publicados na revista GA. Para esse gráfico, consideramos o mínimo de 15 palavras que foram recorrentes.

A seguir, podemos observar outro grupo de palavras que são recorrentes nas produções com no mínimo cinco e, no máximo, dez repetições:

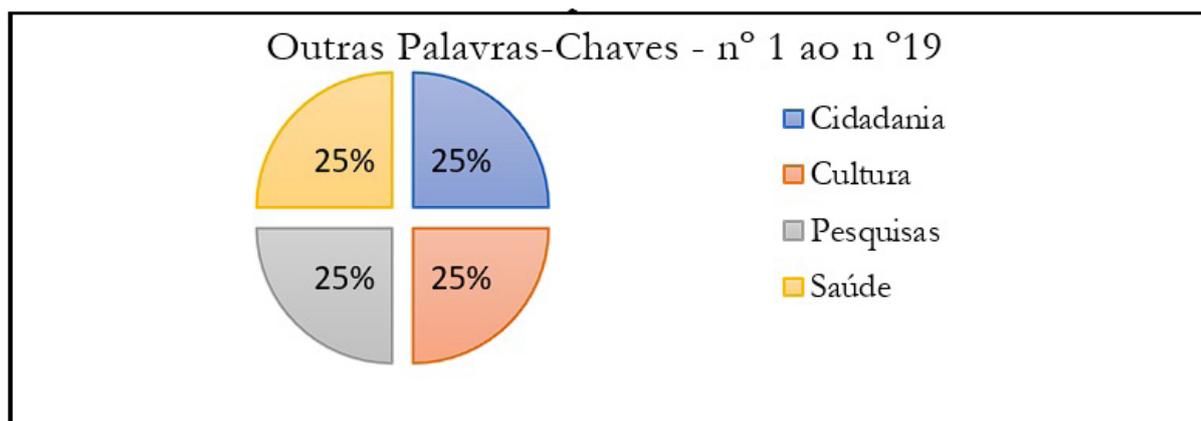
Gráfico 3: Algumas palavras-chave – nº 1 ao 19



Fonte: dados desta pesquisa/2022.

E, por fim, no gráfico a seguir, podemos observar um grupo de palavras com, no máximo, cinco repetições:

Gráfico 4: Outras palavras-chave – nº 1 ao 19



Fonte: dados desta pesquisa/2022.

Para além dessas palavras que destacamos, há outras das quais suas recorrências chegam, no máximo, duas vezes. Algumas dessas palavras são: benção/benedeiras, capoeira, controle, geração, legislação, patriarcado, trajetória e etc.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma perspectiva geral, muitas pesquisas com abordagens feministas discutem a divisão sexual do trabalho e até os papéis desempenhados pelos sexos. Através dessas pesquisas, sabemos que a maioria das mulheres vivenciam as experiências relativas às atividades do trabalho doméstico desde a infância (BEAUVOIR, 1980). E um número significativo delas chegam à fase adulta como uma das grandes responsáveis pela lógica desse espaço funcionar (e que pode ser intermediado entre o cuidado com o marido, filhos, às vezes o trabalho renumerado e, sem contar, com os netos).

Essa ideia de que há um “número significativo” de mulheres que “chegam a fase adulta como uma das grandes responsáveis pela lógica do espaço doméstico funcionar” pode ser considerada

como uma reflexão advinda das contribuições tanto de Simone de Beauvoir e Guita Debert, como também dos apontamentos de Silvia Federici<sup>31</sup> (embora não tenhamos cedido espaço neste artigo para destacar algumas das ideias apresentadas por essa última pesquisadora).

Como dito anteriormente, a ambição desta pesquisa era verificar se existiam trabalhos na revista *Gênero na Amazônia* que abordassem a relação das mulheres idosas com o espaço doméstico. Para isso, investigamos do n° 1 até o n° 19 da revista *Gênero na Amazônia* com o intuito de encontrar pesquisas devotadas a essa temática, mas não encontramos nenhum trabalho que tinha como objetivo tal discussão. Embora não tenhamos encontrado, nos deparamos com reflexões paralelas que nos fizeram considerar que esse tema faz parte da reflexão de poucos trabalhos científicos.

Em relação aos dados obtidos, é importante dizer que uma análise apurada a partir de contribuições teóricas ficará para uma futura pesquisa, já que o objetivo principal desta investigação era saber se existiam trabalhos que privilegiassem a relação entre mulheres idosas com o espaço doméstico na revista GA.

Em pesquisas futuras, cabe traçar uma abordagem teórica que auxilie em uma investigação que tenha como objetivo, por exemplo: compreender a configuração familiar cuja a figura principal do cuidado (não apenas do espaço doméstico, como também da subsistência e educação dos netos) é a avó, e entender as implicações entorno da permanência das atividades atribuídas a elas.

Mas, para esse tipo de pesquisa que destacamos, acreditamos que pesquisadores precisam possuir um cronograma de coleta e análise de dados que seja suficiente para dar conta deste tema. Até porque, para essa pesquisa, é inevitável considerar a relevância de uma abordagem interdisciplinar (que renderia um cenário de discussões inovador para essa temática e para discussões de cunho feministas).

Antes deste artigo ser finalizado, ainda é relevante dizer que, além de investigar a relação entre mulheres idosas e atividades domésticas, seria igualmente interessante realizar uma pesquisa que considerasse o processo de envelhecimento e essas atividades. O motivo disso reside na ideia de tentar compreender esse processo mediado com a permanência de tais atividades. Mas, para isso, seria necessário realizar um estudo que considerasse tanto o recorte de classe como, também, de raça/cor/etnia.

---

<sup>31</sup> Estamos nos referindo principalmente o livro intitulado “O Ponto Zero da Revolução: Trabalho Doméstico e Luta Feminista”.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alessandra. *Representações Sociais sobre o Ato de Cuidar na Perspectiva de Mulheres Idosas Cuidadoras*. 2019 Tese de Doutorado. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, Minas Gerais. Disponível em < <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/27122> >, acessado em setembro/2022

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Novas Fronteiras 1980.

DEBERT, Guita. *Reinventando a Velhice: Socialização e Processo de Reprivatização do Envelhecimento*. FAPESP, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2020.

\_\_\_\_\_. Gênero e Envelhecimento. *Revista Estudos Feministas*, UNICAMP, vol. 2 n. 3, p. 33-51, janeiro, 1994. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16288/14829> >, acessado em setembro/2022.

*Gênero na Amazônia*. Disponível em: < <http://www.generonaamazonia.com/index.php> >, acessado em setembro/2022.

MICHALISZYN, Mario; Ricardo TOMASINI. *Pesquisa: orientações e normas para elaborações de projetos, monografias e artigos científicos*. Petrópolis, RJ: Vozes. 2007.

*Periódicos Gênero na Amazônia*. Disponível em: < <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/generoamazonia/issue/archive> >, acessado em setembro/2022.

*Revista Gênero na Amazônia*. Disponível em < <https://gepem-ufpa.com.br/> >, acessado em setembro/2022

